

A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E OS LABIRINTOS DO ESTADO BRASILEIRO

Júlio Alberto Wong Un¹

A educação popular no campo da saúde começou aos poucos, nos anos 1970, com profissionais inconformados com as formas tradicionais e autoritárias. Até 2002, os educadores populares em saúde se sentiam marginalizados e incompreendidos. Havia uma identidade *outsider*, de fazer coisas pouco valorizadas. Fazer educação popular era estar na contramão. Era ler autores periféricos e considerados ultrapassados. E era resignar-se a operar com o mínimo de recursos financeiros e o mínimo de apoio dos gestores.

Isso, em parte, não era um grande problema. Fomos acostumados a criar, assim, na minoria e na contramão. A contracorrente. Era sempre difícil, mas conseguíamos operar, resistindo. Mas essa realidade começou a mudar com a chegada do PT ao poder, quando foi criada uma equipe de educação popular no Ministério da Saúde. Essa proposta de institucionalização fez em 2016, 13 anos de existência. Com avanços importantes, limitações mudanças de rumo, e distorções. Um balanço se faz necessário.

Desde o começo, alguns militantes alertaram para os perigos de incorporar propostas e lógicas que nasceram e se desenvolveram como contra hegemônicas à máquina governamental. E alertaram sobre o risco da absorção dessas propostas inovadoras e questionadoras ao estado capitalista. Um Estado que foi construído historicamente, ao longo de séculos, para favorecer lentidão, desonestidade, ineficiência e formas tradicionais de práticas políticas como clientelismo, troca de favores, uso das estratégias de animação cultural e das artes e espetáculos para conseguir votantes, e eleger ou fortalecer lideranças de tal ou qual partido, dentre outras manobras opressivas.

Ainda, havia o risco do uso perverso de valores e propostas libertárias que poderiam ser incorporadas ao discurso oficial como jargões mentirosos, sem acontecer verdadeiras mudanças nas relações de poder, mantendo o autoritarismo e a opressão, maquiados com belas palavras.

Mesmo sem ser este um balanço, 13 anos depois, constatamos que a educação popular em saúde construiu, dentre outras coisas, uma Política Nacional que tem como grandes desafios: transformar-se em ações práticas e úteis para os diversos atores sociais da saúde; e criar e fortalecer processos de democratização das relações sociais e políticas dentro do SUS e dentro do mundo da saúde e do cuidado.

Finalizando: o maior desafio da educação popular em saúde é honrar a tradição libertária e transformadora da qual faz parte, denunciando manipulações, alienações, e outros males políticos tradicionais. Essa denúncia - que é um anúncio, como gostava de repetir Paulo Freire - deve acontecer tanto com as questões e sujeitos externos, quanto dentro dos seus processos diretos.

Temos grandes responsabilidades. Não podemos, em nome de grandes objetivos, destruir a ética, a política e a estética tão ousadas e transformadoras que nos deveriam caracterizar. E, em especial, não podemos, sob nenhuma circunstância, manipular, usar e explorar lideranças e pessoas das classes populares – nem deixar que outros o façam. Mesmo que esses outros sejam gestores, políticos ou governantes.

Por isso procuremos transformar mais o mundo do poder e sejamos menos transformados pela política tradicional. Esse é o grande desafio.

¹ Médico. Professor adjunto, Instituto de Saúde Coletiva UFF. Grupo Temático de Educação Popular da ABRASCO.